

Não sou
a filha
perfeita



ERIKA L. SÁNCHEZ

Não sou
a filha
perfeita

ERIKA L. SÁNCHEZ

Tradução de Carolina Selvatici



Copyright do texto © 2017 by Erika L. Sánchez

TÍTULO ORIGINAL

I Am Not Your Perfect Mexican Daughter

PREPARAÇÃO

Stéphanie Roque

REVISÃO

Beatriz D'Oliveira

Anna Clara Gonçalves

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Giovana Medeiros

DESIGN DE CAPA

Lázaro Mendes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S19n

Sánchez, Erika L.

Não sou a filha perfeita / Erika L. Sánchez ; tradução Carolina Selvatici. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2024.

288 p. ; 21 cm.

Tradução de: I am not your perfect mexican daughter

ISBN 978-85-510-1044-0

1. Ficção americana. I. Selvatici, Carolina. II. Título.

24-88681

CDD: 813

CDU: 82-3(73)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2024]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303

22640-904 – Barra da Tijuca

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para meus pais

1

O QUE MAIS ME SURPREENDE AO VER MINHA irmã morta é o sorriso no rosto dela. Seus lábios pálidos estão levemente curvados para cima e alguém preencheu as falhas de sua sobranalha com lápis preto. Por isso, metade de seu rosto parece estar com raiva — como se ela estivesse pronta para esfaquear alguém — e metade, quase presunçosa. Essa não é a Olga que eu conheço. Olga era tão meiga e frágil quanto um filhote de passarinho.

Queria que ela estivesse com o vestido roxo, aquele lindo que não escondia seu corpo como o resto das roupas dela, mas Amá escolheu o amarelo-claro com flores rosa que eu sempre odiei. É tão fora de moda, tão Olga. Faz ela parecer ter quatro anos. Ou oitenta. É difícil decidir. Além disso, o penteado dela está tão terrível quanto o vestido — cachos superdefinidos que me lembram o Poodle de uma mulher rica. Deixá-la assim é muito cruel. Os hematomas e os cortes na bochecha estão escondidos sob camadas grossas de base barata, que deixam o rosto com um aspecto envelhecido, e Olga tem só vinte e dois anos. *Tinha*. Não costumam encher os corpos de produtos químicos esquisitos para evitar que a pele se estique e enrugue, ou que o rosto fique parecendo uma máscara de borracha? Onde eles acharam esse agente funerário? Num brechó?

A coitada tinha um talento especial para parecer menos atraente. Mais velha que eu, ela era magra e tinha um corpo bonito, mas sempre se vestia como um saco de batatas. Seu rosto era pálido e limpo, nunca usava maquiagem. Que desperdício. Não sou um ícone da moda — longe disso —, mas

me recuso a me vestir igual uma senhorinha. Agora, Olga está vestida assim lá no além, mas, desta vez, nem é culpa dela.

Olga nunca agiu como uma pessoa de vinte e dois anos, nem parecia ter essa idade. Às vezes, isso me deixava irritada. Ali estava uma mulher adulta, e tudo o que ela fazia era ir trabalhar, ficar sentada em casa com nossos pais e cursar uma disciplina por semestre na faculdade comunitária da nossa cidade. De vez em quando, ela saía com Amá para fazer compras, ou com a melhor amiga, Angie, para ir ao cinema assistir a comédias românticas horríveis sobre mulheres loiras desajeitadas e adoráveis que se apaixonam por arquitetos nas ruas de Nova York. Que tipo de vida é essa? Ela não queria *mais*? Será que Olga nunca quis sair por aí e abraçar o mundo? Desde que segurei uma caneta pela primeira vez, decidi que queria ser uma escritora famosa. Quero fazer tanto sucesso que as pessoas vão me parar na rua e falar: “Ai, minha nossa, você é Julia Reyes, a melhor escritora que o mundo já viu?” Sei muito bem que vou fazer minhas malas assim que me formar e dizer: “Estou vazando, idiotas.”

Mas a Olga, não. Santa Olga, a filha mexicana perfeita. Às vezes, eu queria gritar com minha irmã até que alguma chavinha virasse em sua cabeça. Mas na única vez que perguntei por que não saía de casa ou ia para uma faculdade de verdade, ela me pediu para deixá-la em paz com uma voz tão fraca e frágil que eu nunca mais questioneei. Agora jamais vou saber o que Olga teria se tornado. Talvez ela tivesse surpreendido a todos nós.

E eu aqui, pensando todas essas coisas horríveis sobre minha irmã morta. Mas ficar irritada é o caminho mais fácil. Tenho medo de que, se eu parar de ficar irritada, desabe e me torne apenas um monte de carne no chão.

Encaro minhas unhas roídas e afundo ainda mais no sofá verde macio, ouvindo Amá chorar. Ela está aos prantos.

— *Mi hija, mi hija!* — grita, quase entrando no caixão com Olga.

Apá nem tenta tirar minha mãe dali. Não posso culpá-lo. Quando ele tentou acalmar Amá, algumas horas atrás, ela esperneou e balançou os braços até deixá-lo com um olho roxo. Acho que ele vai deixá-la em paz por enquanto. Uma hora Amá vai se cansar. Já vi bebês fazerem isso.

Meu pai passou o dia todo sentado nos fundos, se recusando a falar com as pessoas, com um olhar perdido, como sempre. Às vezes, acho que vejo o bigode escuro dele tremer, mas seus olhos continuam secos e cristalinos como vidro.

Quero abraçar Amá e dizer que tudo vai ficar bem, mesmo sabendo que não vai, não mais. Só que eu me sinto quase paralisada, como se fosse feita de chumbo e estivesse embaixo d'água. Abro a boca, mas nada sai. Além disso, Amá e eu não temos esse tipo de relacionamento. Desde que eu era pequena, a gente não se abraça e diz que se ama, como nas séries de TV sobre famílias brancas e chatas que moram em grandes sobrados e expressam seus sentimentos. Ela e Olga eram praticamente melhores amigas, mas eu sou a filha excluída. A gente vem brigando, se afastando uma da outra há anos. Passei a maior parte da vida evitando Amá porque sempre acabamos discutindo por coisas bobas e sem importância. Uma vez até mesmo brigamos por causa de uma gema de ovo. Juro.

Apá e eu somos os únicos da família que ainda não choraram. Ele só fica de cabeça baixa, parado como uma pedra. Talvez haja alguma coisa errada com a gente. Talvez a gente esteja tão fragilizado que nem consiga chorar.

Ainda que meus olhos não tenham produzido lágrimas, senti a tristeza se enterrar em cada célula do meu corpo. Tem momentos em que parece que vou sufocar, como se minhas entranhas estivessem todas atadas em um nó apertado. Estou constipada há quase quatro dias, mas não vou contar isso à Amá por causa do estado dela. Vou deixar tudo se acumular até eu explodir feito uma pinhata.

Amá sempre foi mais bonita do que Olga. Mesmo agora, com os olhos inchados e a pele manchada, continua linda — e não devia ser assim. O nome dela também é mais gracioso: Amparo Montenegro Reyes. Mães não devem ser mais bonitas do que as filhas, e as filhas não devem morrer antes das mães. Mas a beleza de Amá se destaca — ela quase não tem rugas, e os olhos grandes e redondos sempre parecem tristes e magoados. Seu cabelo comprido é grosso e escuro; seu corpo é magro, ao contrário do das outras mães do bairro, que têm silhueta parecida com uma maçã. Sempre que estamos na rua juntas, algum cara assobia ou buzina, o que me faz querer andar com um estilingue.

Agora Amá está acariciando o rosto de Olga e chorando baixinho, mas isso não vai durar muito. Ela sempre fica quieta por alguns minutos e aí, de repente, solta um grunhido que faz minha alma virar do avesso. Tia Cuca está ao lado dela, acariciando suas costas e dizendo que Olga está com Jesus, que vai descansar em paz.

Mas quando a Olga *não* esteve em paz, afinal? Essa conversa toda envolvendo Jesus é baboseira. Morreu, acabou. A única coisa que faz sentido para mim é o que Walt Whitman disse sobre a morte: “Me procure sob a sola de suas botas.” O corpo de Olga vai se tornar pó, que vai se transformar em árvore e então alguém, no futuro, vai pisar nas folhas mortas dela. O paraíso não existe. Apenas a Terra, o céu e a transferência de energia. A ideia seria quase linda se o mundo não fosse um pesadelo.

Dois mulheres que estão na fila para ver Olga no caixão começam a chorar. Nunca vi essa gente na vida. Uma delas está usando um vestido solto preto e desbotado, a outra, uma saia larga que parece uma cortina velha. Elas seguram as mãos uma da outra e sussurram alguma coisa.

Olga e eu não tínhamos muito em comum, mas a gente se amava. Temos pilhas e pilhas de fotos que provam isso. Na fotografia favorita de Amá, Olga está fazendo trança no meu cabelo.

Amá diz que Olga brincava que eu era o bebê dela e me colocava no carrinho de brinquedo enquanto cantava músicas do Ce-pillín para mim, um palhaço mexicano bizarro que todo mundo adora, por algum motivo.

Eu daria tudo para voltar ao dia em que ela morreu e fazer as coisas de outro jeito. Penso em cada coisa que eu poderia ter feito para impedir Olga de entrar naquele ônibus. Já repassei tudo muitas vezes e anotei cada mínimo detalhe, e não houve qualquer sinal de mau presságio. Quando alguém morre, as pessoas sempre dizem que tiveram algum tipo de premonição, uma sensação ruim de que uma coisa horrível estava para acontecer. Mas eu, não.

Aquele foi um dia como qualquer outro: tedioso, monótono e sem graça. Naquela tarde, a aula de educação física seria na piscina. Sempre odiei entrar naquele lugar nojento, praticamente uma placa de petri. A ideia de mergulhar no xixi de todo mundo — e sabe-se lá o que mais — é suficiente para me causar um ataque de pânico, e o cloro faz minha pele coçar e meus olhos arderem. Sempre tento escapar da natação com alguma mentira, criativa ou não, e naquele dia eu disse de novo à sra. Kowalski que estava menstruada (pelo oitavo dia seguido). Ela, com seus lábios finos, disse que não acreditava, que era impossível que minha menstruação fosse tão longa. Eu estava mentindo, mas quem era ela para questionar meu ciclo menstrual? Que intrometida!

“Quer dar uma olhada, então?”, perguntei. “Posso muito bem apresentar evidências, se quiser. Mas acho que a senhora estaria violando alguns direitos humanos.”

Eu me arrependi logo depois que disse aquilo. Talvez eu tenha algum tipo de doença que me impeça de pensar direito antes de falar. Às vezes, vomito palavras por todo canto. Aquela resposta passou dos limites até mesmo para mim, mas eu estava mal-humorada e não queria conversar. Meu humor muda o tempo todo; isso já acontecia desde antes de Olga morrer. Uma hora

me sinto bem, mas, de repente, sem motivo algum, tudo desaba. É difícil explicar.

Obviamente, a sra. Kowalski me mandou para a diretoria e, como sempre, meus pais tiveram que ir me buscar. Isso aconteceu várias vezes no ano passado, tanto que os funcionários da diretoria já me conhecem. Vou mais para lá do que os alunos desordeiros, e só porque falo quando não devo. Sempre que dou as caras, a secretária, a sra. Maldonado, revira os olhos e solta um muxoxo.

Quando isso acontece, o diretor, sr. Potter, conversa com Amá. Ele reclama, fala que sou uma aluna muito insolente e conta tudo. Minha mãe suspira e diz “Julia, que malcriada” em espanhol, e, em seguida, pede desculpa várias vezes em um inglês com sotaque. Ela está sempre pedindo desculpa para as pessoas brancas, é constrangedor. Mas aí sinto vergonha por sentir vergonha.

Depois disso, Amá em geral me deixa de castigo por uma ou duas semanas, dependendo da gravidade do que eu fiz e, então, alguns meses depois, o ciclo se repete. Como disse, não consigo controlar minha boca. Amá me diz “*Como te gusta la mala vida*” e acho que ela está certa, porque sempre acabo me complicando. Eu era uma aluna exemplar, até pulei o quarto ano, mas agora só causo problemas.

Naquele dia, Olga pegou o ônibus porque seu carro estava na oficina para trocar os freios. Amá ia buscá-la, mas, como precisou ir até minha escola, não conseguiu. Se eu tivesse ficado de bico fechado, as coisas teriam sido diferentes. Mas como eu ia saber? Quando Olga desceu do ônibus e foi atravessar a rua para pegar outro, não viu que o semáforo já tinha ficado verde porque estava olhando para o celular. O motorista do ônibus buzinou para avisá-la, mas era tarde demais. Olga foi atropelada por um caminhão. Não só atropelada — foi *esmagada*.

Toda vez que penso nos órgãos dilacerados da minha irmã, quero gritar num campo de flores até ficar rouca.

Duas das testemunhas disseram que ela estava sorrindo pouco antes do acidente. É um milagre o fato de o rosto dela não estar machucado o bastante e o velório poder ser feito com o caixão aberto. Ela morreu antes de a ambulância chegar.

Apesar de sabermos que era impossível que o caminhoneiro a visse — afinal, ela estava escondida pelo ônibus, o semáforo estava verde, e Olga não deveria ter atravessado uma das ruas mais movimentadas de Chicago com o rosto enfiado no celular —, Amá amaldiçoou o motorista sem parar, até perder a voz. De um jeito bem criativo até. Ela, que sempre brigava comigo quando eu falava “droga”, que nem é um palavrão, xingou tanto o caminhoneiro quanto Deus e as mães deles. Eu só fiquei olhando para ela, boquiaberta.

Todo mundo sabia que não tinha sido culpa do cara, mas Amá precisava apontar o dedo para alguém. Ela ainda não disse que sou a culpada dessa tragédia, mas dá para ver que pensa nisso sempre que olha para mim, com seus grandes olhos entristecidos.

Agora, minhas tias enxeridas estão sussurrando atrás de mim. Sinto seus olhos outra vez. Sei que estão dizendo que foi minha culpa. Nunca gostaram de mim porque acham que causo problemas. Quando tingi de azul algumas mechas do cabelo, tivemos quase que chamar a ambulância para levá-las para o hospital, de tanto drama. Agem como se eu fosse a filha do demônio porque não gosto de ir à igreja e prefiro ler a ficar na companhia delas. Qual o problema nisso? Elas são chatas. E pior, não têm ideia do quanto eu amava minha irmã.

Estou cansada dessas fofoqueiras, então me viro e faço uma careta para elas. Por sorte, vejo Lorena chegar. Ela é a única pessoa que pode fazer eu me sentir melhor.

Todos se viram para encará-la em seus saltos muitíssimo altos, vestido preto justo e maquiagem exagerada. Lorena sempre chama atenção, então talvez isso seja outro motivo para fofocar. Lorena me abraça com tanta força que quase quebra minhas

costelas. Seu perfume barato de cereja invade meu nariz e minha boca.

Amá não gosta de Lorena porque acha que ela é sem-vergonha e sem juízo — o que não deixa de ser verdade, mas a garota é minha amiga desde os oito anos e é mais leal do que qualquer outra pessoa que eu conheço. Conto, baixinho, que as tias estão falando de mim, me culpando pelo que aconteceu, e que estou tão irritada que sinto vontade de quebrar todas as janelas com minhas próprias mãos.

— Essas *viejas* intrometidas que se danem — retruca Lorena, lançando olhares furiosos para elas.

Eu me viro para ver se pararam de nos encarar e reparo num homem nos fundos, chorando baixinho e cobrindo o rosto com um lenço de pano. Está de terno cinza e usa um relógio dourado brilhante. Ele é familiar, mas não consigo me lembrar de onde. Deve ser um tio ou coisa assim. Meus pais sempre me apresentam estranhos e dizem que somos parentes. Aqui mesmo tem um monte de gente que nunca vi. Quando olho de novo, o estranho já foi embora, e uma amiga da Olga, Angie, entra correndo. Parece que *ela* foi atropelada por um caminhão. É uma jovem linda, mas, minha nossa, como fica feia chorando. Sua pele parece uma toalha cor-de-rosa torcida. Assim que vê Olga no caixão, começa a gritar ainda mais alto do que Amá. Queria saber usar as palavras certas, mas não sei. Nunca sei.

Finalista do National Book Award, uma história sensível sobre uma garota que, em meio ao luto, enfrenta as expectativas da família mexicana-americana para realizar seus sonhos

A filha mexicana perfeita não faz faculdade longe de casa. A filha mexicana perfeita não questiona nem evita os parentes. E, acima de tudo, nunca abandona a família. Mas Julia Reyes não é essa garota. Na verdade, tudo que ela quer é se formar no ensino médio, ir estudar em Nova York e viajar o mundo quando se tornar uma escritora de sucesso. Julia deixa o papel de filha exemplar para Olga, sua irmã mais velha.

Até que um trágico acidente muda tudo. Olga agora está morta, e Julia se vê sozinha em meio aos cacos de sua família. O pai parece mais distante do que nunca. E o relacionamento com a mãe fica estremecido a cada insistente comparação com a irmã falecida. Só que ninguém percebe o quanto ela também está dilacerada.

Em busca de qualquer pequena lembrança de Olga, a jovem começa a desconfiar que talvez ela não fosse tão perfeita quanto todos imaginavam. Conforme as peças desse quebra-cabeça se encaixam, Julia percebe que conhecer melhor a irmã também é uma forma de conhecer a si mesma. Mas como ela pode continuar vivendo à sombra de um fantasma?

Uma narrativa ágil, tocante e inesquecível, *Não sou a filha perfeita* conta a pungente história de uma família imigrante nos Estados Unidos e suas dores, que continuam a latejar em suas profundas cicatrizes. A obra em breve ganhará uma produção audiovisual dirigida por America Ferrera, desenvolvida pelo estúdio Orion Pictures, da Amazon MGM Studios.

SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/nao-sou-a-filha-perfeita/>